



## GÊNERO E MÍDIA

Keila Seranah Campos Corrêa Cordeiro<sup>1</sup>

Eunice Maria Nazarethe Nonato<sup>2</sup>

Carla Érica Candida de Carvalho<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho apresenta uma análise acerca da forma que assuntos importantes à luta pela igualdade de gênero são tratados pela mídia. Trata-se de um estudo qualitativo de cunho exploratório feito a partir de uma revisão sistemática realizada no site da CAPES onde foram identificadas produções científicas referentes ao período de 2008 a 2018, que analisam o comportamento da mídia diante da desigualdade de gênero. Conclui-se que as disparidades entre homens e mulheres ainda são bastante acentuadas, inclusive pela postura da mídia, que precisa ser repensada diante do importante papel que pode assumir no enfrentamento deste grave problema social que acompanha a humanidade.

**Palavras-chave:** Gênero, mídia, desigualdade.

**Abstract:** This paper presents an analysis of how important issues in the struggle for gender equality are addressed by the media. This is a qualitative exploratory study done on CAPES website where scientific productions from 2008 to 2018 were identified analyzing the behavior of the media in the face of gender inequality. It is concluded that the disparities between men and women are still quite substantial, including the media posture, which needs to be rethought in view of the important role it can play in facing this serious social problem that follows humanity.

**Keywords:** Gender, media, inequality.

---

<sup>1</sup> Mestranda /Univale.

<sup>2</sup> Professora Doutora /Univale.

<sup>3</sup> Mestranda /Univale.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerando-se a problemática vivenciada pelas mulheres no que tange ao tratamento desigual em relação aos homens nas sociedades contemporâneas, este trabalho se propõe analisar como a mídia se posiciona em relação a desigualdade de gênero. Trata-se de estudo de caráter qualitativo feito a partir de revisão sistemática indexada em bases de dados. Os descritores foram incluídos na base de dados da CAPES e são: direito da mulher, mídia e discursos, obtendo-se numa primeira triagem 326 resultados. Ato contínuo, foram feitos 04 (quatro) filtros: 1) Tipo de recursos: Artigos; 2) Data da publicação: 2008 a 2018; 3) Idioma: Português; 4) Nível superior: Periódicos revisados por pares, tendo sido obtidos os seguintes resultados, respectivamente, 262, 202, 146, 142. Destes 142 artigos apenas 27 tratavam dos meios de comunicação, sendo excluídos em um primeiro momento 115 artigos, sendo que destes 27 restantes apenas 10 artigos foram utilizados por serem os únicos que tratavam diretamente da mídia e o discurso em relação às mulheres, sendo que da análise destes artigos selecionados foi possível concluir que o patriarcado e o corpo feminino são os assuntos mais abordados nas produções acadêmicas analisadas.

A relevância deste estudo situa-se na compreensão de que os discursos midiáticos sobre a questão de gênero direcionam a atuação dos sujeitos dentro de uma sociedade, sendo de extrema importância a análise de sua postura diante de assuntos tão importantes para a luta da igualdade de gênero.

## PATRIARCADO, MÍDIA E O CORPO FEMININO

O patriarcado é um sistema em que homens se articulam para manter o poder e predominância na estrutura organizacional da sociedade. Conforme afirmam Alcântara, Peixoto e Silva,

O patriarcado surge da passagem da família sindiásmica para a família monogâmica com o incremento da propriedade privada. As produções dos meios de existência e de seu excedente produzem riqueza, que à medida que aumentavam, davam ao homem uma posição mais importante do que a da mulher dentro da família. Busca-

se ter uma paternidade indiscutível, pois na condição de herdeiros, seus filhos deveriam ter um dia a posse de seus bens.<sup>4</sup>

Por ser o sistema patriarcal tão antigo encontra-se naturalizado pela sociedade, sendo a mídia televisiva uma das responsáveis pela manutenção de dita naturalização. Os papéis sociais definidos às mulheres e aos homens são frequentemente ratificados pela mídia televisiva; às mulheres tem-se reservado ao âmbito privado onde exerce especialmente, o papel de dona de casa, mãe, ou, ainda, um objeto de desejo, o que fomenta ainda mais a desigualdade de gênero; lado outro, aos homens tem-se reservado o âmbito público, onde lhe é reservado espaços de comando e privilégio.

Reflexões sobre como a mídia trata o corpo feminino também são frequentes em alguns dos artigos analisados, constatando-se que o corpo feminino continua sendo objeto de controvérsia e controle social, perpetuando e, quiçá, aumentando a desigualdade de gênero. Enfatizando a questão de como o corpo da mulher é tratado em algumas publicidades, afirmam Alcântara, Peixoto e Silva,

A publicidade feita nas propagandas de cerveja é sempre dirigida ao público masculino. Concentra vários homens em torno de uma mulher, que no caso é a mulher, sempre representada por uma atriz ou modelo que tem um corpo exuberante, de acordo com os padrões estabelecidos por este meio. Ou às vezes concentra várias mulheres em torno de um homem, que não está dentro dos padrões de beleza, mas que passa a imagem de ter a mulher que quiser só porque está consumido o produto. O grande número de figurantes serve para que se tenha a ideia de que o produto foi aprovado.<sup>5</sup>

Outra interessante abordagem foi conferida em artigo que analisou o “clique” diferenciado dado por fotógrafos no corpo dos esportistas e das esportistas. Segundo Pereira, Pontes e Ribeiro,

A primeira participação feminina oficial em Jogos Olímpicos, desde sua criação em 776 a.C., só ocorreu em 1900. Até então, eram excluídas da participação nos Jogos e seu acesso à prática desportiva era restrito. Miragaya, da Costa, e Turini (2002) esclarece que as únicas imagens femininas datadas dos primórdios dos jogos referem-se às deusas (Hera, Atena, Afrodite, Ártemis, entre outras), as quais eram retratadas de forma recatada, enfatizando a beleza de suas formas, o sentimentalismo, o cuidado com a natureza e a

<sup>4</sup> ALCANTARA, P.; PEIXOTO, C.; SILVA, A. As relações patriarcais de gênero na família: influência da mídia televisiva. **Holos**, vol. 33, p. 272, 2017.

<sup>5</sup> ALCANTARA, P.; PEIXOTO, C.; SILVA, A. 2017, p. 276.

maternidade. Já os desportistas masculinos, vistos como heróis e/ou semideuses, eram exibidos ostentando uma musculatura bem desenvolvida, considerada protótipo de perfeição, em poses que denotavam poder, força e virilidade. Naquela época, o registro desses ideais restritos de feminilidade e de masculinidade era realizado em esculturas, pinturas e mosaicos. No atual contexto, a fotografia emerge como um dos meios que produzem essas relações e representações de gênero.<sup>6</sup>

Ainda na esteira de Pereira, Pontes e Ribeiro,

Estabelece-se uma correlação entre o retratamento na Grécia Antiga e o enquadramento diferenciado por gêneros utilizado pela mídia na sociedade contemporânea. A beleza já não é mais um atributo exclusivo dos deuses. O corpo é uma construção cultural em constante mutação, no entanto, a imprensa continua a manter a subordinação feminina frente à supervalorização do homem no desporto. Constatamos que os fotógrafos focam o corpo feminino belo e sensual em detrimento da representação de seu movimento no desporto, o que explica a ocorrência de mais fotos de mulheres desportistas apresentando conotação sexual. Sua performance é relegada a segundo plano e o que lhe resta é desfilar sua imagem, quando bela, aos olhos da mídia, na frente das lentes dos fotógrafos.<sup>7</sup>

O corpo da mulher, como sendo o corpo criado para procriar, também foi objeto de alguns artigos. Segundo Gonçalves,

[...] Sob a lógica do familismo, que pressupõe o casamento e maternidade como lugares privilegiados de saúde e felicidade, mulheres não casadas e não mães são percebidas como egoístas, solitárias, infelizes, frustradas e insatisfeitas, sem mencionar que, do ponto de vista médico e psicológico, representam uma anomalia beirando à aberração [...].<sup>8</sup>

O não casamento e a não maternidade ainda constituem estigmas para as mulheres na atualidade, representando frustração, impotência, infelicidade, mas jamais uma escolha bem analisada.

## **ABORDAGENS SOBRE A INFERTILIDADE FEMININA**

Uma das formas de perpetuação dessa necessidade de a mulher se casar e engravidar-se pode ser percebida na insistência da mídia em manter, ao menos na grande maioria das vezes, nos finais de novelas, séries, filmes,

<sup>6</sup> PEREIRA, E.G.B.; PONTES, V.S.; RIBEIRO, C.H.V. Revelações dos fotógrafos esportivos brasileiros sobre relações de gênero. **Motricidade [online]**, vol. 11, n. 1, p. 126-134, 2015.

<sup>7</sup> PEREIRA, E.G.B.; PONTES, V.S.; RIBEIRO, C.H.V. 2015, p.213.

<sup>8</sup> GONÇALVES, E. Solteira, sem filhos: menos que meia pessoa? **Mediações**, vol. 22, p. 479-509, 2017.

como único possível final feliz para as mulheres exatamente casarem e terem filhos.

Não bastasse a definição de um único caminho para alcançar a felicidade e completude, casar-se e ter filhos, as mulheres também são muito penalizadas quando o filho não vem por razões alheias à sua vontade, por exemplo, quando diante de infertilidade feminina. Mais uma vez, quando o assunto é infertilidade, tratamentos díspares são conferidos aos homens e mulheres. Vázquez<sup>9</sup>, analisou as publicações da Revista Pais & Filhos no que tange ao tema infertilidade, seja ela masculina ou feminina. O recorte cronológico escolhido para análise compreende o período de 1968 até o ano 2000. Segundo Vázquez,

Dessa forma, é necessário compreender que a Revista Pais & Filhos, com seu discurso de valorização da maternidade e apresentação de múltiplos caminhos para a “cura” da 4 Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 26(1): e44155 GEORGIANE GARABELY HEIL VÁZQUEZ infertilidade, não visava, em última instância, à normatização ou padronização geral das mulheres, mas sim se apresentava como um veículo de enunciação de discursos que, na maioria das vezes, refletiam simplesmente o senso comum sobre a ideia de felicidade plena feminina vinculada à maternidade. Neste ponto, percebe-se que não existe uma separação estanque entre o que se classifica como discurso médico e o discurso social. As verdades propostas pelos saberes médicos são, em última instância, verdades socialmente construídas e, portanto, existe uma constante interação entre esses campos discursivos, sendo que a Revista Pais & Filhos é um bom exemplo de como essa dinâmica de intermediação funcionou.<sup>10</sup>

Há uma desmedida valorização da maternidade e é flagrante o tratamento diferenciado quando o assunto é infertilidade feminina e quando a infertilidade é masculina. Em relação às mulheres percebe-se:

Nesse sentido, observa-se que existe significativa diferença entre as reportagens de infertilidade/esterilidade feminina e masculina. Via de regra, as reportagens que tratam de questões relacionadas ao organismo das mulheres apresentam imagens de crianças, fotos de mulheres com o olhar voltado para o horizonte, como se estivessem refletindo, além de desenhos de partes do corpo, como úteros e ovários, e até uma reportagem com a foto de um belo e enfeitado berço, porém vazio, sem nenhum bebê. Em contrapartida, as poucas

<sup>9</sup> VAZQUEZ, G.G.H. Imperfeições no papel: a infertilidade nas páginas da revista Pais & Filhos. **Revista Estudos Feministas**, vol. 26, n. 1, p. 1-14, 2018.

<sup>10</sup> VAZQUEZ, G.G.H. 2018, p. 3 - 4.

reportagens encontradas sobre a infertilidade/esterilidade masculina não estão associadas às imagens de crianças ou berços.<sup>11</sup>

No entanto, quando as reportagens apontam questões que afetam a infertilidade masculina a abordagem é bastante diferente especialmente na tendência de se preservar a virilidade do homem, separando-a da esterilidade em si:

As capas e páginas das reportagens que tratam das complicações masculinas trazem apenas palavras, ou seja, apenas os títulos das matérias, com pouca ou nenhuma foto. Em duas reportagens, encontramos fotos: uma de 1977, em que aparece uma foto de homem com uma calça jeans justa e sensual, centrada na região da genitália; em outra, do ano de 1986, em que aparece um corpo masculino de costas e nu, também fotografado com sensualidade. Ao analisar mais detalhadamente as reportagens, foi possível observar que até a linguagem utilizada era diferente. Esse é o caso da reportagem de março de 1977, em que a Revista Pais & Filhos tratou do tema “vasectomia”. Diferente das demais reportagens selecionadas para se analisar a infertilidade, nesta matéria ocorreu uma “opção” pela esterilização. O título da reportagem era “Vasectomia: a esterilidade ao alcance do homem”. Em uma abordagem rápida, a matéria de apenas uma página procurava explicar que a operação em questão era rápida e indolor. Mas o fato que chamou atenção nessas informações foi a necessidade que a revista apresentou de diferenciar esterilidade com potência sexual.<sup>12</sup>

Vê-se que a não-maternidade é um grande estigma para as mulheres na atualidade. A sociedade ainda insiste no tratamento desigual entre homens e mulheres nas mais diversas e variadas formas, tornando o simples fato de nascer do sexo feminino ou masculino um grande diferencial.

O corpo da mulher também é objeto de análise de alguns artigos por meio da questão do aborto. No Brasil, o aborto é ilegal como regra, sendo as exceções os casos de risco de vida para a mulher, de gravidez resultante de estupro e, mais recentemente, de anencefalia fetal. Percebe-se nos artigos analisados que a questão do aborto vem muito atrelada à política e religião, sendo entraves para a discussão aprofundada do tema e sua colocação no âmbito que deve ser discutido, a saber: saúde pública.

---

<sup>11</sup> VAZQUEZ, G.G.H. 2018, p. 5.

<sup>12</sup> VAZQUEZ, G.G.H. 2018, p 5.

Luna<sup>13</sup> analisou em seu artigo os casos de duas mulheres do Rio de Janeiro que morreram, vítimas de procedimento abortivo clandestino. Alegou que alguns setores da imprensa colocaram as mulheres na condição de vítimas das clínicas clandestinas e não de sua real situação enquanto mulher, numa sociedade que insiste em controlar os corpos das mulheres. Luna:

A cobertura jornalística mostra ênfases que se afastam do diagnóstico existente nos artigos das Ciências Sociais e outras que os aproximam. As reportagens da primeira fase da cobertura no formato de drama familiar retratam Jandira e Elizângela no papel de vítimas das clínicas clandestinas e da cirurgia praticada sem condições de segurança. Contudo, percebem-se, a partir dos relatos das famílias, que elas foram sujeitos conscientes que tentaram as medidas possíveis diante de uma situação de gravidez indesejada, ambas com a mesma alegação: a de precisar voltar a trabalhar, e, por isso, não poder ter mais filhos. Esse quadro espelha o diagnóstico mostrado em tantas pesquisas: a ilegalidade do aborto, associada a condições precárias de planejamento familiar, o que facilita a gravidez indesejada, experiência dos países mais pobres com sua legislação punitiva.<sup>14</sup>

Ainda acerca da temática aborto, Panke e Iasulaitis (2016)<sup>15</sup>, tratam de assuntos caros ao gênero em seu artigo “Mulheres no poder: aspectos sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais”, e dentre eles analisam o aborto na arena eleitoral/política. O pleito das campanhas eleitorais para Presidente da República em 2010 foi marcado pela influência midiática, sendo que o tema aborto teve relevância no que se refere a candidatura de Dilma Rousseff. Conforme Panke e Iasulaitis<sup>16</sup>,

Em 2009 o governo Lula lançou o PNDH-3 – Programa Nacional de Direitos Humanos, que abordava, dentre outros temas, a descriminalização do aborto, a união civil entre homossexuais e a regularização da atividade de profissional do sexo. As declarações de Dilma e o lançamento do PNDH-3 foram fortemente explorados pela oposição e ganharam grande dimensão na internet, com a adesão de diversas comunidades religiosas (evangélicas e católicas). A candidata petista, que defendia que o tema do aborto fosse tratado como assunto de saúde pública, teve sua imagem desconstruída como uma mulher “que era a favor de matar crianças”, conforme relata MULHERES NO PODER: ASPECTOS SOBRE O DISCURSO FEMININO NAS CAMPANHAS ELEITORAIS OPINIÃO PÚBLICA,

<sup>13</sup> LUNA, N. Morte por aborto clandestino na imprensa: Jandira, Elizângela e Operação Herodes. **Revista Estudos Feministas**, vol. 25, p. 1159, 2017.

<sup>14</sup> LUNA, N. 2017, p. 1175.

<sup>15</sup> PANKE, L.; IASULAITIS, S. Mulheres no poder: aspectos sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais. **Opinião Pública [online]**, vol. 22, n. 2, p. 385-417, 2016.

<sup>16</sup> PANKE, L.; IASULAITIS, S. 2016, p. 269.

Campinas, vol. 22, n. 2, agosto, 2016 397 matéria publicada em 20 de outubro de 2010 na Carta Maior citada por Valente (2010, p. 160)<sup>17</sup>.

Com o desgaste eleitoral de Dilma Rousseff em razão do aborto, a então candidata, mesmo que de forma implícita, passa a exibir um discurso conservador ao se defender dos ataques da oposição, comprometendo-se com um governo a favor da vida.

Mais uma vez, vê-se o equívoco ao lidar com o aborto. Segundo Zordo,

Desde a democratização do País, no final dos anos 80, representantes dos partidos de esquerda e do movimento feminista submeteram ao Congresso vários projetos de Lei visando descriminalizar e legalizar o aborto no Brasil. Porém, a Igreja católica e algumas Igrejas evangélicas conseguiram sempre bloquear o debate no Congresso e na última década tem se multiplicado os projetos de Lei visando modificar a Lei sobre aborto no sentido mais restritivo. Apesar de ser criminalizado, o aborto induzido é um fenômeno comum. Os resultados da pesquisa nacional mais recente, indicam que mais de uma em cada cinco mulheres brasileiras já fez aborto. Sendo esta prática mais comum entre mulheres de menor escolaridade, enquanto não se observa uma diferença relevante na prática em função da crença religiosa. Na metade dos casos as mulheres usaram medicamentos para a indução do último aborto e em cerca de metade destes foi observada a internação pós-aborto.<sup>18</sup>

Vê-se que a questão do direito à liberdade de escolha da mulher em relação a seu próprio corpo, além, da questão da injusta distribuição de renda, baixo nível educacional, da desigualdade de gênero, da violência contra as mulheres e das más condições de saúde, entre outros, não são o centro da discussão do aborto e sim as questões morais e religiosas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada percebe-se no que tange a gênero, a abordagem da mídia brasileira sobre a mulher muito mais reproduz e fomenta desigualdade de gênero do que repudia. Considera-se que a mídia é um importante meio de difusão de opiniões, influência, ensinamentos, espera-se uma postura em que o foco principal seja educar e conscientizar o cidadão,

---

<sup>17</sup> PANKE, L.; IASULAITIS, S. 2016, p. 160.

<sup>18</sup> ZORDO, S. Representações e experiências sobre aborto legal e ilegal dos ginecologistas-obstetras trabalhando em dois hospitais maternidade de Salvador da Bahia. **Ciências & Saúde**, vol. 17, p. 1745-1754, 2012.



precipuamente no que tange aos assuntos que habitam o rol dos mais importantes dentro de uma sociedade tida como evoluída, no presente caso, a igualdade de gênero. Para assumir tal papel e vir a operar com o conceito de gênero na perspectiva de se assegurar igualdade e justiça faz-se necessário que a mídia reconheça as limitações apontadas nos estudos sobre a temática.

### REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, P.; PEIXOTO, C.; SILVA, A. As relações patriarcais de gênero na família: influência da mídia televisiva. **Holos**, vol. 33, p. 270-277, 2017.
- GONÇALVES, E. Solteira, sem filhos: menos que meia pessoa? **Mediações**, vol. 22, p. 479-509, 2017.
- LUNA, N. Morte por aborto clandestino na imprensa: Jandira, Elizângela e Operação Herodes. **Revista Estudos Feministas**, vol. 25, n. 3, p. 1159-1181, 2017.
- MATOS, A. A.; LOPES, M. F. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP para mulher. **Revista Estudos Feministas**, vol. 16, p. 61-76, 2008.
- PANKE, L.; IASULAITIS, S. Mulheres no poder: aspectos sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais. **Opinião Pública**, vol. 22, n. 2, p. 385-417, 2016.
- PEREIRA, E.G.B.; PONTES, V.S.; RIBEIRO, C.H.V. Revelações dos fotógrafos esportivos brasileiros sobre relações de gênero. **Motricidade**, vol. 11, n. 1, p. 126-134, 2015.
- VAZQUEZ, G.G.H. Imperfeições no papel: a infertilidade nas páginas da revista Pais & Filhos. **Revista Estudos Feministas**, vol. 26, n. 1, p. 1-14, 2018.
- ZORDO, S. Representações e experiências sobre aborto legal e ilegal dos ginecologistas-obstetras trabalhando em dois hospitais maternidade de Salvador da Bahia. **Ciências & Saúde**, vol. 17, p. 1745-1754, 2012.